



## LITERATURA GOIANA OU AMERICANA?

Rejane de Souza Ferreira<sup>1</sup>

Resenha do livro de Joan Lowell, *Terra Prometida* (título original: *Promised Land*), 2. ed. Coleção Caminhos da Vida, n. 7. Tradução de Lígia Junqueira. São Paulo: Melhoramentos, s/d. 176 p.

A ficção literária *Terra Prometida*, da escritora americana Joan Lowell, conta as aventuras da autora para ficar ao lado do Capitão Bowen vivendo, ambos, o sonho de colonizadores em lugar ermo, na segunda metade da década de 1930. Joan era atriz do cinema mudo da Broadway e chegou a contracenar com Charles Chaplin em *The Gold Rush* antes de embarcar num cruzeiro para a América do Sul que a faria conhecer o comandante do navio. Este, apesar de ser o capitão da rota por vinte e dois anos, confessara à moça que desde menino desejava “descobrir novo rincão, o mais longe possível da civilização” (LOWELL, s/d, p. 14) e lhe propôs acompanhá-lo para se tornar a companheira de um pioneiro. Uma vez aceita a proposta, Joan estava fadada a esperar pelo companheiro por três meses em um lugar próximo ao Porto de Santos, enquanto ele se desfazia de seus negócios.

Os três meses tornaram-se um ano até que o casal pôde começar a vida de pioneiros no Estado de Goiás. A mudança de estado justifica-se pela oferta recebida de abrir nova estrada em uma área de duzentas milhas quadradas, na

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Goiás. Docente da Universidade Federal do Tocantins – Curso de Letras. E-mail: <rejaneferreira@gmail.com>

região do Vale de São Patrício, em troca de cento e vinte mil acres de terra. O interesse dos proponentes era valorizar as terras que, justamente por não serem acessíveis, tinham pouco valor e posteriormente, dividirem-nas em pequenas fazendas para serem vendidas.

O contrato exigia que o capitão levasse a esposa para servir de incentivo para outras mulheres querer acompanhar o marido sertão adentro, mas como os Bowen não tinham experiência nesse tipo de empreitada, o capitão iria sozinho no caminhão do contrato para, depois de dois meses, buscar Joan, caso ele percebesse que era possível ambos executarem tal tarefa. Joan, que nessa altura da narrativa já havia provado que era *mulher para toda obra*, partiu em silêncio, quatro dias depois, ao encontro do marido em caminhão alugado:

Eu tinha pela frente mais ou menos mil milhas, mil milhas de caminho sinuoso, às vezes por estradas, mas a maior parte do tempo tendo que nos meter por trilhas cheias de sulcos feitos por carros de boi. Mil milhas não assustam numa estrada real, mas naquelas condições era dura provação. Às vezes, fazíamos cem milhas num dia, em outros, apenas vinte e cinco (idem, *ibidem*, p. 54).

Em Anápolis, Joan descobre que o marido passara por lá havia cinco dias, e que ele tinha seguido rumo a Jaraguá. Apesar de a distância hoje ser relativamente pequena e poder ser percorrida em torno de uma hora, Joan levou quatro dias para chegar, subindo montanhas e transpondo a vertente. De Jaraguá em diante, o trajeto para chegar até ao capitão só podia ser feito por mula e não havia mais recursos, só fome e febre. Outros aventureiros tentaram abrir estradas desde a época de Dom Pedro I e sempre fracassaram tamanhos eram os empecilhos da região.

Joan, que certamente nunca havia andado no lombo de uma mula, rasgou os joelhos das calças de tanto tentar instigar o animal a andar e, no final do dia, tendo andado apenas quinze milhas, sentia-se como se tivesse atravessado o continente. A satisfação com o transporte era tal que o humor da passageira a fez trocar o nome da mula de *Meu Coração* para *Minha Fanny*. A tradutora não converteu nenhuma das medidas americanas para as brasileiras; o nome *Fanny* também não foi traduzido. Podemos supor que o significado do nome da mula equivaleria a algo como *Meus Fundos*. O encontro de Joan com o marido se dá em Pouso Alegre; não muito longe puderam avistar o ponto de onde deveriam

começar a abrir a estrada. Trinta e dois homens, a narradora e quatorze bois carregando os instrumentos de trabalho no carro era tudo que se tinha para começar o serviço. Em três meses de serviço acabou-se a comida comprada em Jaraguá e o grupo passou a alimentar-se de ensopados de caça: “Nosso cardápio era veado ensopado e porco do mato ensopado sem sal. Naquele tempo, devido à falta de transporte, o sal valia mais que ouro” (idem, *ibidem*, p. 79). Várias mudanças tinham acontecido quando chegou até eles outro grupo vindo do sul de Minas Gerais com o intuito de tomar posse das terras à beira da estrada que estava se abrindo.

Essa caravana, formada por 32 pessoas – entre elas, homens, mulheres e crianças, tinha alguns utensílios domésticos, um pouco mais de comida e conhecimento para se extrair da natureza o necessário para sobrevivência. Uma das coisas que Joan aprendeu foi, por exemplo, a obter sal sem ter que ir ao armazém para comprar. Um jeito era observar onde os animais lambiam o sal da terra na floresta, mas isso levava tempo; o outro era amarrar uma mula a um poste, selá-la e chicoteá-la para que corresse em círculos até suar para obter o sal do suor.

À medida que a estrada progredia, aparecia mais gente, fosse para encurtar caminho por ela, fosse para se estabelecer em seus arredores, ou fosse para tentar destruí-la, já que ela traria a lei e os assassinos que se refugiavam no centro do país não estavam interessados, naturalmente, em ser encontrados pela polícia. Quando a estrada foi destruída, o capitão desanimou-se, pois o estrago fora completo e logo à frente havia uma montanha de pedra. O desânimo foi superado com o entusiasmo dos sertanejos que não se importavam de trabalhar mesmo sem pagamento imediato, assim como o dono do armazém se dispunha a vender a prazo. Chegou-se ao ponto em que centenas de famílias estavam paradas ao longo da estrada, prontas para seguirem adiante quando os novos trechos iam ficando prontos; isso derivou, segundo a autora, na criação da cidade de Castinópolis, com armazém, farmácia e fazendolas à volta. Uma vez não encontrados registros sobre essa cidade, acredita-se que a escritora queria se referir a Castrinópolis, na região aonde logo, em breve, chegaria Bernardo Sayão, designado pelo presidente Getúlio Vargas para fundar uma grande colônia agrícola a oeste do Rio das Almas, a CANG.

O capitão Bowen e seus homens começaram, então, a ser remunerados pelo Governo Federal até que chegou um advogado corrupto para desapropriá-los. Como Joan se negara a sair do local e a abandonar a casinha de adobe que estava construindo, o advogado, conhecido como Cobra Seca, afastou as pessoas dos Bowen sob o julgo de



mal olhado, obrigando-os a abandonar suas conquistas e a se refugiarem em Anápolis. Nessa cidade, mais uma vez, o casal encontrara-se com Bernardo Sayão que, ciente da realidade dos pioneiros, faz a doação da parte de terra cabível a eles pelo trabalho realizado em local que eles escolhessem às margens da estrada; no entanto, não doa a escritura, essa foi conseguida diretamente com o governador do Estado de Goiás, Pedro Ludovico Teixeira. Em posse do prêmio, o casal inicia uma lavoura de café; eles têm uma casa razoável, empregados, criações de animais, mas resolvem se desfazer de tudo antes mesmo da primeira colheita para abrir novas estradas na região Amazônica e assim terminam as aventuras do casal Bowen em *Terra Prometida*.

Trata-se de uma narração em que se misturam diversos gêneros: crônica de viagem, novela, diário, autobiografia e livro auto-ajuda. O título remete à Terra Prometida de Canaã, à terra americana prometida aos puritanos ingleses e à terra prometida dos colonizadores do Oeste dos Estados Unidos. É uma obra na qual tudo se resolve de maneira miraculosa e fácil, mesmo em meio aos sacrifícios exigidos pelo sertão. *Terra Prometida* parece um discurso romântico do séc. XIX, embora a história se passe na década de 1930 e a escritora proceda de um país em que a narrativa se estava renovando, temática e formalmente, através de escritores como William Falkner e Francis Scott K. Fitzgerald. Cumpre, no entanto, enfatizar que Joan Lowell antes de escrever *Terra Prometida* fora a escritora de um *best seller* devido ao sucesso alcançado pela sua autobiografia *Cradle of the Deep*, obra que, alguns anos depois de publicada, foi avaliada como fraude por ser pura invenção. Cabe, pois, ao leitor desconfiar dos episódios narrados por Joan Lowell em *Terra Prometida*. Ora, o que fazer para classificar o tipo de literatura contido nesse livro? Seria ele parte da literatura goiana por retratar fatos que aconteceram em Goiás, ou seria ele parte da literatura americana por ter sido escrito originalmente em língua inglesa por uma americana? Fica a pergunta junto à sugestão de leitura.